



## **DIVERSIDADE HUMANA POR UMA VISÃO CRÍTICA**

Ana Paula Melo

### **RESUMO**

*Este trabalho busca apresentar uma visão de diversidade diferente do que estamos acostumados a ver e ouvir, sendo que o processo de construção de tal vai para além dos referenciais mostrados pelo professor e até mesmo algumas considerações das alunas aparecem no decorrer de tal, sendo assim fundamental entender o homem com um ser social e biológico, que ao longo do trabalho será descrito.*

**Palavras chave:** *Pedagogização, Infantilização, Diversidade Humana*

### **Introdução**

São necessários alguns conceitos para que se desenvolva algo se tratando do que é diversidade humana, se é que existe alguma definição que contemple tamanha amplitude do tema. Pelos textos e aulas assistidas inicialmente é de fundamental relevância considerar o fator biológico como parte da diversidade humana, isso se tratando da filogênese e ontogênese. Afinal a que se remetem tais conceitos? Filogênese: derivado do grego *phylon* = tribo, raça e *genetikos* = relativo à gênese = origem, seria o estudo das relações evolutivas; já no que diz respeito à ontogênese retrata a descrição da origem e do desenvolvimento de um organismo desde o ovo fertilizado até a fase adulta. (SOUZA, aula do dia 11/02/2010)

A evolução dos vertebrados a partir de um conjunto de adaptações, em uma perspectiva materialista, apresenta o homem de forma híbrida, revelando sua parte material- biológico e sua parte imaterial- cultural a que se deve sua inteligência. No entanto, começamos a discutir o processo zoológico dos vertebrados, por meio de uma hierarquização funcional motora até chegar à evolução humana, sendo apresentada a visão biológica para daí então iniciarmos o entendimento da forte presença do social e das relações ao qual o homem estabelece em uma sociedade. Segundo Fonseca (1998)

*É evidente, que as exigências da vida na terra são diferentes das exigências da vida na água, e mais uma vez essas diferenças têm a ver essencialmente com a motricidade. Para se movimentar em terra firme, o animal necessita de quatro extremidades que permitem sustentar o corpo e garantir o equilíbrio à extremidade cefálica, dado que esta precisa responder a um maior número de estímulos do meio exterior. (Fonseca, Victor. 1998, p. -----.)*

Somos diferentes, porém não nos reconhecemos como sendo diferentes, mas sim como sendo iguais. Muitas vezes nem como iguais nos reconhecemos, somente nos isolamos em um individualismo ao qual nem mesmo o “eu” é visto, tudo isso decorre de um processo evolutivo biológico e de fatos históricos que nos cercam. Sendo assim, confirmamos que o homem não é somente um ser biológico, mas essencialmente sofre influências do meio,



levando também em consideração o ser como social e histórico. Afinal, o homem surge a partir de seu desenvolvimento biológico, porém seu aprendizado enquanto ser humano se dá culturalmente *por meio* de sua história. Segundo Souza (2010)

Ninguém nasce homem, nasce filho do homem, são as relações sociais que os transformam em homens, sendo o que faz ser humano diferente dos outros animais é a capacidade de elaborar teorias, e desfrutar de uma cognição elaborada, sendo então um ser híbrido, ao nascer puramente biológico e ao desenvolver puramente cultural. (SOUZA, aula do dia 18/02/2010)

Quando Souza afirma que ninguém “nasce homem, mas que são as relações sociais que os transformam em homem” é necessário entender a bagagem que a cultura imprime no homem, repensando o meio em que se vive. As transformações sociais são decorrentes das influências do meio, então se queremos um indivíduo que assimile diferenças é necessário que este vivencie, por meio das suas referências, fatos que proporcionem a quebra de paradigmas acerca da igualdade. Assim o homem se torna capaz de elaborar teorias, jamais desprezando o fator biológico que o permeia, ou seja, entender o indivíduo como um ser híbrido.

Nesse sentido, identificamos o processo de evolução do homem, enquanto ser humano, uma vez que o homem é construído a partir de suas relações com o mundo. As heranças que o homem trás em seu processo histórico, revela não somente seu genótipo e fenótipo ou tão somente sua carga genética, ou seja, suas heranças revelam o processo como um todo, apresentando suas características culturais, ética e moral.

### **Diálogo com a literatura**

A construção da imagem nos permite identificar a presença do outro, um exemplo seria o fato da criança aprender se espelhando em alguém ou em alguma figura de herói, se espelhando positivamente ou negativamente e assim ocorre a construção da identidade. A partir do momento que outra pessoa trilha o caminho para que possamos seguir, somos induzidos a vontade do outro desvinculando a nossa própria subjetividade. (SOUZA, aula do dia 04/03/2010)

A questão da subjetividade se relaciona com o processo histórico ao qual fazemos parte, sendo esta apresentada no texto *Imagens do Outro* (Ramon García), significa que para entender o outro é necessário segundo Lévi – Strauss (1960)

[...] compreender como, e em que medida, as culturas humanas diferem entre si, se essas diferenças se anulam ou se contradizem, ou se concorrem para formar um conjunto harmonioso, é necessário primeiramente tentar fazer-lhe o inventário. Mas é aqui que começam as dificuldades, porque nós devemos dar conta de que as culturas humanas não diferem entre si da mesma maneira, nem no mesmo plano. Em primeiro lugar, estamos em presença de sociedades justapostas no espaço, umas próximas, outras distantes, mas afinal contemporâneas. (Lévi – Strauss, 1960, p. 234-235)

A raça humana é uma só, no entanto a raça humana se deferência em diferentes culturas cada qual assegurando sua especificidade. Desse modo não é possível julgar o certo e



o errado, pois o que parece ser certo para mim nem sempre é o certo para você, de forma que a afinidade por um grupo na maioria das vezes acontece pela presença das singularidades em que os diferentes são repudiados.

Veza que as culturas são totalmente diversas e os corpos que compõem estas culturas se dão de que forma? SOUZA, aula do dia 20/03/2010 eugenia seria o processo pelo qual prega a purificação das raças age de maneira contrária a diversidade, o que interfere diretamente na visão de que somente o outro é o “LOUCO”, sendo aquilo que for “diferente” excluimos ou isolamos para viver o que somente “a mim” é conveniente, a partir daí surge à idéia de estigmas sociais, ou seja, uma marca física ou psicológica que o sujeito “diferente” carrega por toda a vida.

Depois de se apropriar do processo de evolução do homem, do seu conjunto de adaptações fisiológicas e biológicas, é necessário perceber o meio em que esse indivíduo está inserido, uma vez que é por meio das relações, da interação, da declaração dos direitos e deveres, que o homem se faz um cidadão e assim mais humano, nas bases da cooperação, da amizade, do companheirismo e da lealdade. As relações, a interação, a declaração dos direitos e deveres entre os *homens* é que correspondem para a formação do CIDADÃO, este mais humano, embasado no amor ao próximo, na esperança, na humildade, o que acaba por influenciar a idéia de igualdade, implicando assim em uma contradição acerca do que realmente é diverso, pois os direitos sempre seguem uma pirâmide, em que os mais fracos se tornam a parcela excluída do poder e da sociedade.

A partir de tais apresentações inicia-se a difícil tarefa de conceituar a diversidade humana, sendo a primeira questão a ser repensada quando nos é descrito a palavra cidadão, humano e sociedade, logo vem à idéia de civilização, de etnia e de raça, nos deparamos com diferentes culturas, dogmas e concepções. No entanto, o fato de lidar com o que nos é diferente não costumam apresentar uma relação muito harmoniosa, sendo que o individualismo e sobrepujança de um grupo sobre o outro, acaba por gerar conflitos. A esse processo de aniquilação do diferente, a antropologia chama de etnocentrismo, a que se pode dizer que esse é um dos fenômenos que deturpa a diversidade. Segundo Lévi-Strauss (1960)

[...] o homem moderno abandonou-se a um sem-número de especulações filosóficas e sociológicas a fim de estabelecer compromissos inúteis entre esse pólos contraditórios, dar-se conta da diversidade das culturas, procurando suprimir o que ela conserva de escandaloso e de chocante a seus olhos. Mas, por mais diferentes e às vezes mais bizarras que possam ser, todas essas especulações se resumem de fato numa única fórmula, que o termo *falso evolucionismo* é talvez o mais apropriado a caracterizar. Em que consiste ele? Muito exatamente, trata-se de uma tentativa para suprimir a diversidade das culturas, fingindo reconhecê-la plenamente. Pois, se os diferentes estados em que se encontram as sociedades humanas, tanto antigas como distantes, são *estágios* ou *etapas* de um desenvolvimento único que, partindo do mesmo ponto, deve fazê-las convergir para o mesmo fim, vê-se que a diversidade é apenas aparente. A humanidade torna-se uma e idêntica a si mesma; só que essa unidade e essa identidade podem realizar-se apenas progressivamente e a variedade das culturas ilustra os momentos de um processo que dissimula uma realidade mais profunda ou retarda sua manifestação. (Lévi-Strauss, 1960, p. 238)



Sendo assim, acabou por não aceitarmos o que é diverso, criamos palavras bonitas para justificar nosso suposto erro, como por exemplo, e já citado, *etnocentrismo* que seria a não aceitação de culturas diversificadas, sendo esta não aceitação justificada pelo ponto de vista adotado para avaliar outra cultura, o normal seria olharmos para as demais culturas e aceitar que com a imensidão do mundo o anormal seria se não fossemos diferentes, porém partimos do ideal de igualdade que nos foi impregnado, vez impregnado parece que sempre o será, o etnocentrismo seria então uma dificuldade que todos nós temos de enxergar o mundo com os óculos daqueles que estão a nossa volta.

Acabamos nos tornando individualistas demais, criando assim o nosso próprio mundo não vivendo as etapas da vida, corroborando assim para um processo de Infantilização do homem e aqueles que deveriam ser referência para as nossas crianças acabam por não ser, mas sim se equiparam e não sabe como educar fazendo com que se perca todo o processo de valores, antes fundamentais, hoje lamentáveis, vez que ninguém tem referência de nada nem ninguém, essas referências não seriam os espelhos de que utilizamos, mas sim aqueles que supostamente nos falaria o que realmente é viver, e não fantasiar o que é o mundo.

Percebemos então que o homem como integrante da sociedade necessita de espelhos para que possam sobreviver, espelhos estes, que a influência é tanta que ao sair de tal padrão estabelecido, surge o diferente e acaba por ser excluído, e estigmatizado, por esta lógica de raciocínio podemos afirmar que existe o processo de Pedagogização do Homem. Nesse processo de referências podemos citar que o processo de pedagogização se encaixa nos espelhos citados anteriormente, ou seja, seria o adestramento das pessoas da forma como é pedido pelo processo civilizatório, dificultando assim que as pessoas possam pensar acerca de tudo que as rodeiam, inclusive sobre o contexto que estas se encontram inserido, sendo a possibilidade de ruptura mínima, e o indivíduo o tempo todo manipulado.

Nesse momento surgem alguns questionamentos: Diversidade humana seria a aceitação dos homens como iguais, buscando a “uniformização” dos indivíduos em seu sentido mais geral? Seria utópico acreditar que as pessoas são iguais, ou que seria possível padronizar os pensamentos e idéias do indivíduo, “homem”, visto que isso ultrapassa as aquisições culturais, de forma que, a concepção genética é individual assim como a historicidade também é única. Porém o processo que estamos vivendo não nos permite pensar que é utópico acreditar nas pessoas como iguais, por que na verdade é o que esta acontecendo, vez que todos iguais é mais fácil de manipular e manobrar, e isso corresponde a um processo desde o nascimento do indivíduo.

Notamos que o processo de pedagogização e infantilização do homem caminham juntos, pois ao nos submetemos ao processo de pedagogização acabamos por adotar modelos a serem seguidos, afetando diretamente as referências que tínhamos, sendo assim o processo de infantilização acaba por sobressair em relação à criação da criança, podemos assim afirmar que estamos vivendo em um mundo as avessas, digamos que esta seja uma problemática de base, pois pensamos que a base de uma criança esteja em “casa”, o que se torna pura ilusão. Segundo Alves (2002) apud Lira

[...] ao descrever as implicações de uma pesquisa que se propõe a investigar práticas no cotidiano das escolas, reflete sobre suas exigências: Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum,



exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. (p. 17)

Pensamos que a criança ao ir para escola ganharia certa referência para de alguma forma se emancipar e de algum modo romper com o que esta sendo imposto a ela, mas isto na verdade não ocorre, pois tal espaço não é capaz de ver além do que lhes é proposto. A liberdade pela qual gozamos se tornou fantasiada, a chamada liberdade vigiada, que tão somente aceitamos o que nos é colocado sem maiores questionamentos, e ao lidar com o que é verdadeiramente os fatos acabamos por nos frustrar, principalmente no âmbito da pesquisa, todo esse processo decorre de fatos históricos acerca do que seria de maior conveniência para os que no poder estavam. Criamos categorias para pedagogizar, ou seja, há uma inversão de papéis em que o pouco que se aprende, se aprende, atualmente na escola, e mesmo assim condicionados a igualdade sem direitos de questionamentos.

A convivência em uma sociedade, as relações estabelecidas entre os indivíduos e a chegada da urbanização com a revolução industrial, delineia um novo homem, com características novas, moldado dentro pelo mundo do trabalho, em uma sociedade capitalista, individualista e competitiva. Em meados do século XVIII, entre o iluminismo e a revolução francesa nascem novos ideais em busca de um homem novo, que trazia um lema IGUALDADE, LIBERDADE e FRATERNIDADE, e o objetivo pela busca da democracia. Estes fatos históricos delineiam o que somos hoje isto por que somos resquícios do ontem, daí a importância de ruptura com o que se tornou verdade absoluta, que acabou por dilacerar alguns ideais de alteridade, é necessário pensarmos o outro não como o que somos, mas sim como ele é lembrando que existimos a partir do outro a partir das experiências de contato, é tudo muito complexo, pois a quebra de paradigmas nos faz pensar que estamos errados acerca do que a vida inteira nos foi imposto e somente engolido.

### **Considerações Finais**

Afinal diversidade humana pra nós, depois de todos os conceitos e toda a retórica ao qual permeamos na disciplina até agora, é possibilidade do acolhimento de diversas raças e etnias baseados na diferença, na singularidade de cada indivíduo. Diversidade humana é entender se como ser humano e aceitar o outro como parte do seu eu, saber se comover com a dor do outro. A diversidade humana é o que dá base para sustentação de uma identidade social, que nos permite assumir nossas próprias características a partir do convívio mútuo entre as pessoas. No entanto, ao pensar em multiculturalismo, em diversificação das raças tentando uni-las a partir de um mesmo ideal, por mais que estas assumam características diferentes, é necessário entender de homogeneização e que não se esbarre no discurso da inclusão social, como a lei de cotas e segregação dos deficientes em escolas especiais. Sem dúvida, falar de diversidade é falar do ser humano, falar do homem capaz de elaborar suas próprias teorias e capaz de fazer um mundo mais justo, com mais educação, respeito, compreensão, cooperação e dignidade, o que para isso só é preciso usar sua inteligência cognitiva. Não é possível sairmos de uma aula de diversidade como entramos, lógico que a



**CONCOCE / CONDICE 2010**  
IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF  
**ISSN 2178-485X**



partir daí inicia-se a diversidade, a forma como cada um sentirá será diferente, a princípio a própria diversidade que nos ronda só- não sabemos enxergá-la como tal.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, Inês B. de e ALVES, N. (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. In: LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. Pedagogização da infância: refletindo sobre poder e regulação. Acessado em 17/04/2010 às 22:42

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/viewFile/5270/4673>

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo**: entre o iluminismo e a revolução francesa. (Texto número 4, este utilizado para discussão em sala)

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1998.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, Ramón. **A propósito do outro**: a loucura. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (Orgs.). **Imagens do outro**. Petrópolis: Editora vozes, 1998. p.24-46.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.

MARTINS, José de Souza. **As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil**. (Texto número 3, este utilizado para discussão em sala)



**CONCOCE / CONDICE 2010**  
IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF  
**ISSN 2178-485X**



LÉVI-STRAUSS, C. 'Raça e história'. Em Unesco (org.). *Raça e ciência*, 1. São Paulo, Editora Perspectiva, 1960.

NUNES, Clarice. Desencantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

SOUZA, Warley Carlos de. Falas dentro de sala.

O que é filogênese e ontogênese? Teoria da Evolução?  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Filog%C3%AAnese> (18:23- 18-04)

[http://pt.wikipedia.org/w/~çlkjmnhbvcxziki/Teoria\\_da\\_evolu%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/w/~çlkjmnhbvcxziki/Teoria_da_evolu%C3%A7%C3%A3o)